



## O maravilhoso cristão na conquista de México-Tenochtlán (1519-1521)

### The *Christian marvelous* in the Mexico-Tenochtitlan conquest (1519-1521)

Guilherme Queiroz de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, apresentei e analisei a presença do “maravilhoso cristão” na conquista de México-Tenochtlán (1519-1521) pelos “espanhóis”. Durante a campanha, ocorreu um prolongamento do discurso medieval de aparições de santos nas batalhas, principalmente nas crônicas compiladas por clérigos após a expedição, ao contrário do relativo silêncio dos participantes diretos (os “soldados-cronistas”). Para observar essa característica, utilizei como *corpus* central os testemunhos de alguns *conquistadores*, contrapondo-os com apenas uma crônica posterior: a *Historia General de las Índias*, de López de Gómara.

**Palavras-Chave:** Maravilhoso cristão; Conquista de México-Tenochtlán; “Espanhóis”.

**Abstract:** In this article, I presented and analyzed the presence of “marvelous Christian” in the conquest of México-Tenochtlán (1519-1521) by the “spaniards”. During the campaign, occurred a prolonging of medieval discourse of saints apparitions in the battles, principally in the chronicles compiled by clergyman after the expedition, which contrasts with the relative silence of direct participants (the “chroniclers-soldiers”). To observe this characteristic, I utilized as central *corpus* the report of some *conquistadores*, opposing it with only a posterior chronicle: the *Historia General de las Índias*, of López de Gómara.

**Keywords:** Marvelous Christian; Conquest of México-Tenochtlán; “spaniards”.

\*\*\*

## I. Introdução

Durante a exploração e conquista do Novo Mundo (sécs. XV-XVI), diversas narrativas fantásticas se desenrolaram em torno de um conjunto de mitos e lendas que reforçou nos mais corajosos europeus a dupla esperança de enriquecer e ampliar o domínio da Igreja de Cristo (DELUMEAU, 1984, I: 50). Tal aspecto era manifestado por ibéricos, os condutores da expansão, que estavam carregados de uma visão de mundo e valores essencialmente

---

<sup>1</sup> Mestrando em História (Capes/Reuni) da UFSJ. Orientador: Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tórres. *E-mail:* guilhermehistoria@yahoo.com.br

medievais (WECKMANN, 1994: 21; BASCHET, 2006: 30), ou seja, esses pioneiros se comportavam fundamentalmente como seus ancestrais da *Hispania* do medievo.

Imagem 1



*El apóstol Santiago favorece a los castellanos y persigue a los indios.* In: Oronoz. Desenho do cronista “espanhol” Antonio de Herrera y Tordesillas (1559-1625), em sua obra *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Océano (1492-1531)*. No centro dessa gravura, o autor, que acreditava nas intervenções de Santiago em vários episódios da conquista da América (WECKMANN, 1994: 164), representou o santo “sobrevoadando” o campo de batalha envolto em feixes de luzes. Santiago incentiva os conquistadores ao combate, porém o santo não ataca, a ação pertence aos “espanhóis” (RUI, 2003: 195-196).

Alguns dos primeiros aventureiros exploraram as terras americanas na expectativa de ver ali se concretizar a geografia imaginária medieval (BASCHET, 2006: 28). Os viajantes procuravam, antes de tudo, confirmar as antigas fábulas acerca da existência de reinos e cidades maravilhosas, a maioria delas situadas no Oriente.

Cristóvão Colombo, por exemplo, acreditou ter localizado o Paraíso terrestre; Ponce de León tentou atingir a Fonte da Juventude ao explorar a Flórida; Hernán Cortés pareceu ser informado de uma “ilha (...) toda povoada por mulheres” (CORTÉS, *Quarta Carta de Relação*, 1986: 109), [1] em sua visão, possivelmente o reino das Amazonas; Francisco de Coronado percorreu longas distâncias em busca das Sete Cidades de Cíbola; e muitos outros aventureiros seguiram as pegadas deles.

Da mesma forma, vários exploradores afirmaram “por cierto haber habido gigantes en esta tierra” (DÍAZ DEL CASTILLO, *Historia verdadera...*, 1978: 135), [2] sereias, cinocéfalos (homens de cabeça semelhante à do cão), dentre muitos outros seres que compunham uma tradição que era alimentada em grande parte pela Antigüidade (LE GOFF, 2006, II: 108-113).

Tais mitos possuem descrições de animais monstruosos e homens fabulosos, muito explorados pelos cronistas medievais nos bestiários: as maravilhas (*mirabilia*). [3] As instruções (*instrucciones*) de Diego Velázquez, em 1518, por exemplo, aconselhavam Cortés, a

“...informar-se sobre a natureza das pessoas, pois dizem que há pessoas com grandes orelhas, outras com cabeça de cães, e descobrir também onde vivem as amazonas que, se acreditarmos nos índios que vão convosco, não é longe daqui (*Apud* MADARIAGA, 1961: 80).

O ponto que analisei, contudo, foi o aparecimento do maravilhoso [4] no âmbito militar, onde encontrei na conquista de México-Tenochtitlán a presença do “maravilhoso cristão” (o sobrenatural propriamente cristão – *miraculosos*) (LE GOFF, 1994: 49).

Durante a Idade Média, um cenário bastante propício para se desenrolar o maravilhoso cristão era o campo de batalha, “palco maior das decisões divinas” (COSTA, 1998: 249). Em pleno calor do combate, especialmente na guerra cruzadística, poderia ocorrer, por exemplo, uma intervenção escatológica de santos, evidentemente em favor do exército cristão, “e no maravilhoso cristão e no milagre há um autor, e um só, que é Deus” (LE GOFF, 1985: 25).

## **II. Postura metodológica**

Entre as várias crônicas sobre a conquista de México-Tenochtitlán, são aquelas redigidas *a posteriori*, ao contrário do relativo silêncio dos participantes, que possuem mais indicações da presença do maravilhoso cristão no cenário militar. [5] Essas obras apontam, muitas vezes, prováveis intervenções miraculosas de personagens bíblicos, particularmente a Virgem Maria e os apóstolos Santiago e Pedro, que auxiliavam os “espanhóis” em algumas batalhas. Desde a Idade Média, a relevância destes derivava da raridade das interferências diretas de Deus, que atuava então por intermediários (FRANCO JÚNIOR, 1990: 51).

Juntamente com a observação de Hilário Franco Júnior (1990: 171), historiador que analisou algumas aparições durante a Reconquista, acredito

que o importante é analisar o fato histórico relevante (repercussão, influência sobre o comportamento social, etc.), ou seja, focalizar a crença coletiva nas aparições, e não a ocorrência delas.

Para analisar o maravilhoso cristão manifestado nas intervenções de santos, utilizei um método fundamentado na análise comparativa de textos da época: confrontei as fontes que apresentaram essa característica. Com efeito, escolhi cotejar as principais fontes (relatos de primeira mão) com somente uma crônica posterior.

A utilização exclusiva de uma obra posterior não é precipitada nem simplifica os resultados, uma vez que procurei focalizar a visão (contraditória) dos “soldados-cronistas” e, a partir dela, apenas citar alguns religiosos dos séculos XVI-XVII que acreditavam nas aparições.

Finalmente, quanto ao autor selecionado para a comparação, optei por aquele que era cronologicamente e fisicamente mais próximo dos conquistadores e, em particular de Cortés: Francisco López de Gómara (c. 1511-1566). Capelão de Cortés nos últimos anos da vida do conquistador, López de Gómara leu as *Cartas de Relação*, bem como ouviu a versão dele. Ele também conheceu, em Argel, outro conquistador, Andrés de Tapia, e pediu ao leonês um texto que reunisse os dados já descritos oralmente (VÁZQUEZ CHAMORRO, 1988: 65).

Na obra de López de Gómara, *Historia General de las Índias* (1552), mais precisamente na segunda parte – *La Conquista de Méjico*, encontrei referências confirmadas de supostas intervenções miraculosas. Caso o acontecimento seja controverso, na metodologia deve-se ter a obrigação extra de averiguar os dois lados (TUCHMAN, 1991: 11).

### **III. O maravilhoso cristão na conquista de México-Tenochtitlán**

Ao longo da conquista da América, ocorreram diversos relatos de capitães, conquistadores e religiosos que declaravam a mesma visão que seus antepassados haviam testemunhado nos combates contra os muçulmanos na Península Ibérica e no norte da África, quando lhes apareciam pessoalmente, por exemplo, a Virgem Maria, o apóstolo Santiago, São Pedro, e São Brás para ajudá-los a vencer nos combates contra os índios (FRIEDERICI, 1973: 350).  
[6]

Especificamente na conquista de México-Tenochtitlán liderada por Cortés, a primeira passagem de um provável surgimento do maravilhoso cristão nas fontes analisadas não aconteceu no combate contra os mexicas. Em Tabasco,



região limite entre os mundos mexica e maia, a intervenção miraculosa do apóstolo Santiago ou São Pedro teria sido decisiva para a vitória das forças “espanholas” frente aos índios maias-chontal (batalha de Cintla, março de 1519).

Embora o confronto direto contra a civilização de México-Tenochtitlán só ocorresse posteriormente, esse episódio marcou significativamente o processo de conquista, tanto por ser o primeiro combate que a expedição enfrentou após o desembarque no continente quanto pelas divergências entre os cronistas que o narraram.

Na crônica de López de Gómara, os conquistadores disseram para Cortés que “habían visto hacer uno de a caballo, y preguntaron si era de su compañía; y como dijo que no, porque ninguno de ellos había podido venir antes, creyeron que era el apóstol Santiago, patrón de España” (LÓPEZ DE GÓMARA, *La Conquista de Méjico*, 1954: 39). O cronista continua o relato do episódio, e informa a versão dos “espanhóis” que testemunharam por,

...tres veces al de caballo rucio picado pelear en su favor contra los indios, (...) y **que era Santiago, nuestro patrón. Hernán Cortés quería mejor que fuese San Pedro, su especial abogado**; por cualquiera que de ellos fuese, se tuvo a milagro, como de verás pareció; porque, **no solamente los vieron los españoles, sino también los indios** lo notaron por el estrago que ellos hacía cada vez que arremetía a su escuadrón, y porque les parecía que los cegaba y entorpecía (LÓPEZ DE GÓMARA, *La Conquista de Méjico*, 1954: 40) (grifos meus)

No trecho supracitado, além de comentar o compartilhamento da visão pelos índios e conquistadores, López de Gómara conta que Cortés creditou a milagrosa aparição ao apóstolo São Pedro. Tal indicação provavelmente foi colhida durante a conversa que teve pessoalmente com o líder da expedição, pois Cortés, na *Primeira Carta de Relação*, redigida juntamente com as autoridades da Justiça e Regimento de Vera Cruz, [7] não mencionou o episódio maravilhoso na vitória alcançada em Cintla.

O conquistador Bernal Díaz del Castillo (c. 1492-1584), famoso por sua *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, obra redigida entre, aproximadamente, 1550 e 1568, discordou em muitos pontos de López de Gómara, inclusive no que tange às aparições, que ele nega ter compartilhado:

Aquí es donde **dice Francisco López de Gómara que salió Francisco de Morla en caballo rucio picado**, antes que llegase Cortés con los de a caballo, y **que eran los santos apóstoles señor Santiago o señor San Pedro**. Digo que todas nuestras obras y victorias son por mano de Nuestro Señor Jesucristo, y que en aquella batalla había para cada uno de nosotros tantos indios que a

puñados de tierra nos cegaran, salvo que la gran misericórdia de Nuestro Señor en todo nos ayudaba; y pudiera ser los que dice Gómara fueran los gloriosos apóstoles señor Santiago o señor San Pedro, **e yo, como pecador, no fuese digno de verlo**. Lo que yo entonces vi y conocí fue a Francisco de Morla en un caballo castaño, y venía juntamente con Cortés (DÍAZ DEL CASTILLO, *Historia verdadera...*, 1976: 56) (grifos meus)

Imagem 2



*Santiago Mataíndios*. Peça do altar-mor da igreja de Santiago de Tlatelolco, México, D. F. Imagem no *site* da Universidad de Granada, ou foto do Dr. Manuel Aguilar. Esse entalhe, construído pelos índios entre o fim do século XVI e o início do século XVII, sob orientação do frei Juan de Torquemada (c.1557-1624) (RUI, 2003: 191), que acreditava nas aparições de Santiago, mostra uma dramática cena. Nela, os mouros foram substituídos pelos índios, numa representação da vitória do cristianismo contra a idolatria mexica. Em posição privilegiada (ao centro, no alto), o militante Santiago exibe uma pluma no elmo e causa uma temível impressão, pois com uma espada em punho, monta um cavalo de guerra branco que esmaga os inimigos sob suas patas. Tropas “espanholas” (à esquerda), trajadas como soldados romanos, provocam mortandade aos índios. Os mexicas estão representados (embaixo, à direita) por guerreiros de elite águia e jaguar, indefesos perante os ataques furiosos do apóstolo Santiago *Mataíndios*.

Desse modo, após analisar a passagem de Bernal Díaz, caracterizei a dúvida do conquistador em relação à presença das intervenções escatológicas, não como uma demonstração puramente irônica ou sarcástica. Embora desconfiado, o “soldado-cronista” era ainda um cristão prudente em negar

totalmente a aparição, pois respeitava os mistérios fé – era um homem de profunda religiosidade.

Seja como for, em Tabasco ele nunca descartou completamente uma interferência milagrosa dos personagens bíblicos, apenas comentou, humildemente, não ter compartilhado de tal graça, se ela realmente existiu. Mais tarde, Bernal Díaz, apesar de não acreditar em um auxílio divino direto, agradeceu a Deus pela vitória: “dimos muchas gracias a Dios por habernos dado aquella victoria tan cumplida” (DÍAZ DEL CASTILLO, *Historia verdadera...*, 1976: 55).

Outro participante da expedição foi Bernardino Vázquez de Tapia (c. 1493-1559) que, assim como López de Gómara, descreveu a aparição de um cavaleiro misterioso que, segundo ele, montava “un caballo blanco”:

Después de entrádoles el pueblo, tuvimos otras dos batallas muy recias con ellos y nos tuvieron en punto de nos matar, y corriéramos gran perigo si no fuera por los caballos que sacaron de los navios; **y aquí se vio un gran milagro, que, estando en gran peligro en la batalla, se vio andar peleando uno de un caballo blanco, a cuya causa se desbarataron los indios, el cual caballo no había entre los que traíamos** (VÁZQUEZ DE TAPIA, *Relación de méritos y servicios...*, 1988: 136) (grifo meu)

Concluído em torno de 1546, o relato de Vázquez de Tapia era, portanto, anterior tanto à crônica de Bernal Díaz quanto a obra de López de Gómara. A maioria dos historiadores concluiu que o cavaleiro se tratava de Santiago, apesar do conquistador não mencionar o nome preciso do apóstolo em sua *Relación*.

Nas versões de Vázquez de Tapia e López de Gómara, primeiras a serem escritas, existe um forte vínculo com as narrativas medievais, pois sempre apresentam Santiago como um guerreiro que monta, ora um cavalo branco, como na Reconquista, ora um castanho, o tipo mais comum entre os animais da tropa de Cortés (RUI, 2003: 170).

O capitão Andrés de Tapia (c. 1496- c. 1560), por sua vez, sem identificar a identidade do misterioso cavaleiro, tem uma versão interessante do episódio:

...y como los enemigos nos tuviesen ya cercados a los peones por todas partes, **[a]pareció por la retaguardia de ellos un hombre en un caballo rucio, picado**, y los indios comenzaron a huir y a nos dejar algún tanto por el daño que aquel jinete en ellos hacía; y **nosotros, creyendo que fuese el marqués**, [Cortés] arremetimos y matamos algunos de los enemigos, y el de caballo no pareció más por entonces. Volviendo los enemigos sobre nosotros, nos tornaban a maltratar como de primero, y tornó a parecer el de caballo más

cerca de nosotros, haciendo daño en ellos, por manera que todos lo vimos y tornamos a arremeter y tornóse a desaparecer como de primero, y así que lo hizo otra vez, de manera que fueron tres veces las que apareció y le vimos; y siempre creíamos que fuese alguno de los de la compañía del marqués.

**El marqués con sus nueve de caballo volvieron a venir por nuestra retaguardia, y nos hizo saber cómo no había podido pasar, y le dijimos cómo habíamos visto uno de caballo, y dijo: ‘Adelante, compañeros, que Dios es con nosotros’.** Y arremetió estando ya fuera de las acequias y dio en los enemigos, y la gente de pie tras él; y así los desbaratamos, matando muchos de ellos y huyendo los demás a se guarecer en los malos pasos entre las acequias (TAPIA, *Relación de algunas cosas...*, 1988: 76-77) (grifos meus)

Os grifos acima indicam o caos em que a batalha ocorreu, talvez responsável pelo conquistador não conseguir enxergar quem atacava os índios e subitamente desaparecia, para ele provavelmente o marquês, ou seja, Cortés.

Na opinião de Vázquez Chamorro (1988: 12), o veterano Bernal Díaz escreveu a fim de adquirir vantagens econômicas, e aprovar o milagre de Cintla comprometeria seus méritos. Por outro lado, para Tapia e Vázquez de Tapia, a intervenção do Santiago em Tabasco manifestou a vontade divina de que aquele território, povoado por canibais idólatras, fosse anexado à coroa “espanhola”.

Por sua vez, o historiador Hugh Thomas, adotando uma perspectiva mais racional em relação à aparição de Santiago, faz uma interpretação das palavras dos “soldados-cronistas” e dos outros conquistadores [8] que estiveram presentes durante o evento. Segundo o autor (1994: 205), um cavaleiro de destaque na batalha foi Francisco de Morla, que debaixo de seu elmo com viseira e coberto por sua armadura de aço, distorceu a visão de alguns soldados ingênuos, pois eles não o reconheceram. O resultado foi a crença de que o próprio apóstolo Santiago chegava para ajudá-los, uma repetição das intervenções ocorridas desde a Reconquista.

As aparições de santos nas batalhas já eram registradas desde a Alta Idade Média. Como informa Luis Weckmann (1994: 163), a partir do século X, supostamente São Pedro, São Paulo e São Jorge empunhavam, ao lado de papas e dos normandos, espadas contra os árabes no sul da Península Itálica, nas batalhas de Garigliano (século X), e Cerami (1063).

Também na Terra Santa, durante a ofensiva da Primeira Cruzada contra Antioquia, os cruzados desprezaram cavaleiros montados em cavalos brancos, acenando estandartes brancos, cujos líderes seriam São Jorge, São Mercúrio e São Demétrio (RUNCIMAN, 2002, I: 224).

Na Hispânia, a primeira vez que ocorreu a invocação ao apóstolo Santiago na forma de “*Dios ayuda et Santiago!*” e a suposta presença visual do mesmo aconteceu na batalha contra os mouros, em 844, na localidade de Clavijo. A partir dessa aparição, o apóstolo foi caracterizado como um guerreiro que monta um cavalo branco, levando numa das mãos, uma bandeira e, na outra, uma espada reluzente (RUI, 2003: 31-32).

Mais tarde, a Ordem Militar de Santiago fez uso da “aparição” do apóstolo na batalha de Clavijo, e baseado nela construiu uma tradição na qual Santiago passou de evangelizador para cavaleiro que luta ao lado dos cristãos (RUI, 2003: 33). O apóstolo supostamente teria aparecido em 38 batalhas durante a Reconquista contra os mouros (WECKMANN, 1994: 163).

No século XVI, o cristão ibérico ainda vivia o mito de Santiago, construído anteriormente e mantido principalmente pela Ordem Militar de Santiago. Em Extremadura, terra natal de Cortés e de aproximadamente 15% de seu exército (GRUNBERG, 2004: 96), a ordem ainda era poderosa no final da Idade Média, motivo que contribuiu para que a crença no apóstolo fosse particularmente mais sentida pelos *extremeños*.

Certamente, a presença de Santiago nos momentos difíceis, apesar da desconfiança de Bernal Díaz, garantiu uma “mística de cruzada” (FERNÁNDEZ, 1993: 15). Tal ceticismo citado por Fernández pode ser explicado, em parte, uma vez que o autor da *Historia verdadera* discordou parcialmente do relato de López de Gómara.

Ao adjetivar sua obra de “verdadera”, Bernal Díaz propõe uma história fiel. A testemunha ocular simplesmente pode apresentar o que aconteceu; mas aquele que não presenciou o fato precisa convencer (GREENBLATT, 1996: 150).

O seguinte ponto na conquista de México-Tenochtitlán em que o maravilhoso cristão supostamente se manifestou ocorreu, assim como em Tabasco, no litoral, onde a Virgem Maria teria aparecido para ajudar os conquistadores.

Enquanto circulavam pacificamente pela capital mexicana durante o período em que foram “hóspedes” (novembro de 1519-maio de 1520), chegaram aos ouvidos dos “espanhóis” notícias de que, em Nauhtla, o soberano local, Qualpopoca, teria dirigido um ataque aos conquistadores estabelecidos na localidade.

O *tlatoani* (governante) Montezuma, segundo Bernal Díaz, ao comentar com os chefes indígenas em Tenochtitlán, os questionou porque não haviam dizimado totalmente os invasores,

...siendo ellos [mexicas] muchos millares de guerreros, que cómo nos vencieron a tan pocos teules [“espanhóis”]. Y respondieron que no aprovechaban nada sus varas y flechas ni buen pelear, que no los pudieron hacer retraer, **porque una gran tequecihuata** [grande senhora] **de Castilla venía delante de ellos**, y que aquella señora ponía a los mexicanos temor y decía palabras a sus teules que les esforzaban.

Y el Montezuma entonces creyó que aquella gran señora era Santa Maria y la que le habíamos dicho que era nuestra abogada, que de antes dimos a Montezuma con su hijo en los brazos. Y porque **esto yo no vi, porque estaba en México, sino lo que dijeron ciertos conquistadores que se hallaron en ello**, y pugliese a Dios que así fuese, y ciertamente todos los soldados que pasamos con Cortés tenemos muy creído, y así es verdad, y que la misericordia divina y Nuestra Señora la Virgen María siempre era con nosotros, por cual le doy muchas gracias (DÍAZ DEL CASTILLO, *Historia verdadera...*, 1976: 181) (grifos meus)

Nenhum dos outros “soldados-cronistas” relatou o episódio (todos encontravam-se em Tenochtitlán), nem mesmo o cronista López de Gómara citou o acontecimento. Esse ataque possivelmente foi planejado por Montezuma, que desejou cortar as comunicações “espanholas” e, assim, isolar as duas partes da tropa. Poucos conquistadores conseguiram escapar e se refugiar em Vera Cruz.

Posteriormente (maio de 1520), dessa vez em Tenochtitlán, no massacre conhecido como a “*Matança no Templo Mayor*”, [9] novamente a Virgem Maria e o apóstolo Santiago teriam aparecido aos nativos, como declarou o capitão Pedro de Alvarado a Bernal Díaz, e este último comenta:

Yo quiero decir que decía el Pedro de Alvarado que cuando peleaban los indios mejicanos con él, que dijeron muchos dellos que una gran tecleciguata, **que es gran señora**, que era outra como la que estaba en su gran cu [templo], **les echaba tierra en los ojos, y les cegaba, y que un guey teule** [“espanhol”] **que andaba en un caballo blanco les hacían mucho mal**, y que si por ellos no fuera que les mataran a todos e que aquello dizque se lo dijeron al gran Montezuma sus principales.

**Y si aquello fue asi, grandísimos milagros son, e de contino hemos de dar gracias a Dios e a la Virgen María Nuestra Señora, su bendita madre, que en todo nos socorre e al bien aventurado señor Santiago** (DÍAZ DEL CASTILLO, *Historia verdadera...*, 1976: 246) (grifos meus)

O citado acontecimento não foi presenciado por Bernal Díaz, pois o cronista, juntamente com Cortés, havia partido (em maio) para combater no litoral Pânfilo de Narváez, o enviado por Velázquez para punir o líder da expedição,

já que este havia zarpado antes das ordens oficiais. Pode-se perceber que Alvarado também não compartilhou a visão descrita pelos mexicas.

Nesse fragmento, claramente Bernal Díaz parece admitir a possibilidade de intervenções escatológicas na conquista. O milagre cristão sempre ocupava um lugar central no pensamento dos homens que se consideravam guerreiros de Cristo (LAFAYE, 1991: 142).

Outro “soldado-cronista” que expôs a versão indígena do evento foi Vázquez de Tapia:

[os mexicas] dijeron que, en aquella sazón, que nos entraban y tenían en tanto trabajo, vieron una **mujer de Castilla, muy linda y que resplandecía como el sol, y que les echaba puñados de tierra en los ojos** y, como vieron cosa tan extraña, se apartaron y huyeron y se fueron y nos dejaron (VÁZQUEZ DE TAPIA, *Relación de méritos y servicios...*, 1988: 144) (grifo meu)

O cronista López de Gómara, por sua vez, também descreveu o relato indígena ao declarar que a Virgem Maria neutralizava os nativos deixando-os momentaneamente cegos com a poeira lançada, e o apóstolo Santiago que, invulnerável aos ataques, lutava bravamente com uma espada em punho que causava muitos danos:

...andaban peleando pelos españoles santa María y Santiago en un caballo blanco, y decían los indios que el caballo hería y mataba tantos con la boca y con los pies y manos como el caballero con la espada, y que la mujer del altar les echaba polvo por las caras y los cegaba, y entonces, como no veían pelear, se iban a sus casas pensando estar ciegos, y allí se encontraron buenos; y cuando volvían a combatir la casa, decían: Si no tuviésemos miedo a una mujer y al del caballo blanco, ya estaría derribada vuestra casa, y vosotros cocidos, aunque no comidos, pues no sois buenos de comer (LÓPEZ DE GÓMARA, *La Conquista de Méjico*, 1954: 190).

A seguir, o cronista, na tentativa de apresentar um milagre, concluiu esse episódio com uma interpretação dos relatos indígenas no qual associou os personagens descritos dentro dos santos cristãos correspondentes:

...nuestro Dios justo, verdadero criador de todas las cosas, y la mujer que peleaba era madre de Cristo, dios de los cristianos, y el de caballo blanco [Santiago] era apóstol del mismo Cristo, llegado del cielo para defender a aquellos pocos españoles y matar a tantos indios (LÓPEZ DE GÓMARA, *La Conquista de Méjico*, 1954: 191).

Imagem 3



*El milagro de Santa María de Peña de Francia: Al lanzarse a la batalla, los soldados incaicos se asombran por la visión milagrosa y huyen.* Desenho do mestiço andino Felipe Guaman Poma de Ayala (c. 1550 - c. 1616), em sua crônica *Primer Nueva coronica y buen gobierno* (c. 1615/1616). Im: Biblioteca Real, Copenhague, Dinamarca - Det Kongelige Bibliotek. Muito semelhante aos relatos que analisei, a crônica de Guaman Poma confirma as intervenções de Santiago e da Virgem Maria, dessa vez na conquista dos incas. Nessa ilustração, da mesma forma que na conquista de México-Tenochtitlán, a Virgem joga terra nos olhos dos índios, deixando-os momentaneamente cegos. Utilizei a ilustração de Guaman Poma como mero recurso didático de semelhança, devido a carência de imagens coloniais da Virgem no combate aos mexicas.

Para Hugh Thomas (1994: 436), trata-se novamente de uma confusão, pois a mulher deveria ser, provavelmente, María de Estrada, conquistadora de grande valentia, e o cavaleiro um dos ginetes de Alvarado, possivelmente o soldado Álvarez Chico. De fato, nove mulheres formavam parte do exército de Cortés (WECKMANN, 1994: 67), ou, segundo Grunberg (2004: 98), cerca de vinte, sendo elas todas “espanholas” e, em sua maioria, procedentes da Andaluzia.

A exortação à Virgem Maria e a crença na presença visual da mesma também encontrava suas origens na Alta Idade Média. Na Hispânia, a partir do século VIII, ou seja, logo após a invasão muçulmana, supostamente a Virgem dirigia pessoalmente as estocadas dos cavaleiros cristãos na luta contra os mouros nas Astúrias e em Leão (WECKMANN, 1994: 168).



Em terras americanas, a primeira “aparicação” da Virgem teria ocorrido em 1495, na ilha de Hispaniola, onde a *Virgen de las Mercedes* surgiu em uma batalha contra os nativos, perto do Santo Cerro (WECKMANN, 1994: 168-169).

A última manifestação mais próxima do maravilhoso cristão na conquista dos mexicas aconteceu em Otumba. Após a vitória sobre Narváez, Cortés retornou à capital mexicana, onde os comandados por Alvarado encontravam-se sitiados dentro do palácio de Axayácatl, antigo *tlatoni*. Logo depois, devido o árduo combate, os conquistadores tiveram que se retirar da cidade no desastroso episódio conhecido como a *Noche Triste*.

Foi a primeira grande derrota européia no Novo Mundo (30 de junho de 1520). Com os índios sob o encalço dos “espanhóis”, mais tarde, Bernal Díaz pareceu admitir, pelos menos indiretamente, a ajuda de Santiago na grande batalha de Otumba (14 de julho):

Y dejemos esto y volvamos a Cortés y Cristóbal de Olíd, y Sandoval y Gonzalo Domínguez y otros de a caballo que aquí no nombro, y Juan de Salamanca. Y todos los soldados poníamos grande ánimo a Cortés para pelear, y esto Nuestro Señor Jesucristo y Nuestra Señora la Virgen Santa María nos lo ponían en corazón, y **Señor Santiago, que ciertamente nos ayudava** (DÍAZ DEL CASTILLO, *Historia verdadera...*, 1976: 259) (grifo meu)

Logicamente, a declaração do conquistador não caracteriza um apoio decisivo do apóstolo, ou seja, uma interpretação que sugira essa passagem como uma ajuda considerável de Santiago pode ser precipitada. Apesar disso, a legião de santos, inalteravelmente vencedora, demonstrava ser um dos auxílios mais efetivos para os homens que se põem sob seu amparo (BASCHET, 2006: 385).

De qualquer forma, essa foi a última menção mais próxima do maravilhoso cristão que encontrei nas fontes analisadas sobre a conquista de México-Tenochtitlán, campanha finalizada em agosto de 1521 com a vitória “espanhola”.

## Conclusão

Em várias passagens do aparecimento do maravilhoso cristão, foi o indígena quem teve a visão maravilhosa, não o “espanhol”. Essa característica pode ser encontrada em algumas crônicas medievais da Reconquista, onde em certos combates foi o “outro”, ou seja, o mouro que descreveu a miraculosa ajuda recebida pelos cristãos, seja de santos ou do poder conferido pelas relíquias.

Na conquista de Maiorca (1229), por exemplo, os sarracenos contaram aos cristãos a presença de um cavaleiro todo vestido de branco que lutava bravamente contra eles – os cristãos concluíram que era São Jorge (VIANNA, 2006: 03-04). Mais tarde, na batalha de Salado (1340), um mouro relatou a presença de um magnífico cavaleiro português, que penetrou nas hostes muçulmanas carregando uma cruz que “lançava raios de fogo”. Diferentemente do primeiro episódio, em Salado, como explicou Ricardo da Costa (1998: 246-259), foi o cronista cristão quem deu voz aos muçulmanos e projetou o que se passava na mente deles.

Também nas fontes que examinei, os cronistas eram cristãos que apontaram o compartilhamento da visão do maravilhoso pelos conquistadores e, principalmente, pelos indígenas. Desconheço como as descrições indígenas do maravilhoso cristão “apareceram” nas crônicas “espanholas”.

Três hipóteses podem ser lançadas: a primeira foi que os cronistas, intencionalmente, na tentativa de afirmar o milagre cristão, deram vozes aos nativos, ou seja, inventaram uma versão indígena (assim como sucedeu na batalha de Salado em relação aos muçulmanos); a segunda é que um conquistador vitorioso proporcionou aos indígenas contarem aos “espanhóis” a presença desse magnífico inimigo (assim como aconteceu em Maiorca), que os cronistas logo associaram aos santos (Santiago, São Pedro, Virgem Maria, etc); a última, e bastante aceita, defende a idéia de que a versão indígena foi elaborada alguns anos após a conquista.

Com a evangelização, os índios convertidos não se consideravam, evidentemente, herdeiros da tradição idólatra mexicana, ao contrário, agora eles eram cristãos como os “espanhóis”. Nesse momento, os nativos (cristãos) que apresentavam a visão dos santos aos cronistas, teriam indicado que os mexicas apenas sofriam um castigo divino por negarem a “verdadeira fé” e insistirem na idolatria ao longo da ofensiva “espanhola”.

Como já assinali, a certeza da aparição escatológica, seja dos apóstolos Santiago e Pedro, ou ainda da Virgem Maria, nunca foi veementemente confirmada pelos “soldados-cronistas” (apenas Vázquez de Tapia parece

admitir algo próximo). Foram as crônicas posteriores, principalmente aquelas produzidas por religiosos, alguns na esteira da *Historia General* de López de Gómara, que apresentaram maior número de referências às aparições de santos durante a conquista de México-Tenochtitlán.

Javier Domínguez García sugere uma hipótese como resposta no caso de Santiago, mas que pode ser generalizada. Segundo o historiador (2006: 43), a prolongada exposição do apóstolo nas batalhas parece ser unicamente um artifício retórico sistematizado por religiosos “espanhóis” com o propósito de consolidar um projeto eclesiástico que insistiu em demonstrar que a conquista da América foi uma extensão lógica da cruzada medieval.

De fato, a visão de muitos religiosos dos séculos XVI-XVII estava vinculada ainda à perspectiva medieval, pois acreditavam que os santos intervinham pessoalmente nas batalhas em auxílio aos cristãos. [10] Isso não quer dizer, logicamente, que os conquistadores não compartilhassem essa visão de mundo. Pelo contrário, devo salientar que não defendo uma polarização entre combatentes e clérigos em relação à crença nas aparições.

Os “espanhóis” do século XVI (incluindo os conquistadores), possuíam uma mentalidade fundamentalmente medieval, diferentemente dos renascentistas itálicos (WECKMANN, 1994), que possuíam mais traços do individualismo e da valorização do homem (DOMINGUES, 1997), capazes de anularem a crença no miraculoso.

O fato dos “soldados-cronistas” declararem que, na maioria das vezes, eles não viram o milagre, não altera a confiança na possibilidade da existência dele (por exemplo, em alguns casos eles indicavam que os nativos teriam testemunhado).

## Notas

[1] Para mais sobre o relato contado para Cortés, ver CORTÉS, Hernán. *A Conquista do México – Quarta Carta de Relação*. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1986, p. 109-110.

[2] Para mais sobre essa versão tlaxcalteca ouvida por Bernal Díaz, ver DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México D. F.: Editorial Porrúa, 1976, cap. 78, p. 135.

[3] Segundo Michel Mollat, etimologicamente a palavra “designa lo que asombra, y su significado se extiende desde lo que es insólito hasta lo que parece extraño, e incluso lo que es contrario a la naturaleza. La noción de lo maravilloso se aplica, pues, a los aspectos contrarios de la belleza y del horror. Reúne también los conceptos de exotismo y de fantástico, e incluye los fenómenos de inversión moral y social, comprendiendo la perversión. Las maravillas pueden ser, entonces, admirables o chocantes y, de manera excepcional, alcanzar lo sublime o ser rechazadas a la exclusión: ángel o demonio” –

MOLLAT, Michel. *Los exploradores del siglo XIII al XVI*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 101.

[4] Defino o maravilhoso juntamente com Stephen Greenblatt: “um traço central no complexo sistema de representação como um todo, seja ele verbal ou visual, filosófico ou estético, intelectual ou emocional, através do qual as pessoas da Idade Média tardia e da Renascença apreendiam, e portanto possuíam ou descartavam, o não-familiar, o estranho, o terrível, o desejável e o odioso” – GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 40.

[5] Além da *Historia General de las Índias*, de López de Gómara, outras crônicas produzidas posteriormente (escritas, em sua maioria, por clérigos), registraram a aparição de santos na conquista de México-Tenochtitlán: a *Crónica de la Nueva España*, de Francisco Cervantes de Salazar (c. 1514-1575); a *Historia de los Indios de la Nueva España*, do dominicano Diego Durán (c. 1537-1588); a *Historia Natural y Moral de la Índias*, do jesuíta José de Acosta (1539-1600); a *Historia de la vida y hechos del emperador Carlos V*, do beneditino Prudêncio de Sandoval (1553-1620); a *Monarquía Indiana*, do franciscano Juan de Torquemada (c. 1557-1624); a *Conquista de Mexico*, de Bartolomé Leonardo de Argensola (1562-1631); a *Historia Pontifical*, do teólogo Gonzalo de Illescas (1565-1633); o *Teatro Mexicano*, do franciscano Agustín de Vetancurt (1620-1700); a *Corona Mexicana o Historia de los Motezumas*, do padre Diego Luis de Motezuma (c. 1636-1699); dentre outras. Para mais sobre as crônicas posteriores que relataram o “maravilhoso cristão”, consultar WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Segunda edición revisada (El Colégio de México), 1994, p. 164-169.

[6] De acordo com Georg Friederici, durante a conquista do Novo Mundo, “a juzgar por las creencias y los datos de los españoles, se les aparecieron personalmente, en sus batallas con los indios: Santiago, once veces; la Virgen María, seis veces; San Pedro, San Francisco y San Blas, una vez cada uno” – FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 350 (nota).

[7] Como indica Thomas, Ginés de Sepúlveda assinalou que Cortés, em sua *Primeira Carta* (perdida), também descreveu a batalha de Cintla e a confusão estabelecida – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Patria, 1994, p. 757.

[8] Na versão de outro “soldado-cronista”, Francisco de Aguilar (1479-1571), não houve qualquer tipo de intervenção escatológica. Segundo o conquistador, quando os nativos de Tabasco iniciaram o combate, “Cortés mandó sacar dos caballos armados y ciertos ballesteros y escopeteros y peones a resistir el ímpetu de los indios que venían de guerra, los cuales serían hasta cuarente mil hombres, poco más o menos, donde los tiros que se jugaron y las ballestas que tiraban y los caballos que corrían mataron muchos de los indios, por manera que como cosa nueva para ellos, atemorizados, huyeron y dejaron el campo” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 164.

[9] Episódio no qual os mexicas foram massacrados dentro do “*Templo Mayor*”. Após entrarem no complexo realizando suas danças ritualísticas, os indígenas foram atacados pelos “espanhóis” que fecharam as saídas do complexo e abriram fogo contra os *pipiltin* (elite) desarmados.

[10] Jacques Lafaye aponta uma exceção: os primeiros missionários que chegaram ao México após a conquista, principalmente os franciscanos (1524). Para o autor, a “*Doctrina cristiana* de fray Juan de Zumárraga, primer obispo de México, inspirada en las concepciones erasmianas de una fe renovada, servía de modelo a la evangelización de México llevada a cabo por las órdenes mendicantes. (...) las intervenciones milagrosas del apóstol Santiago en los combates contra los indios eran recibidas con un escepticismo prudente o con una indignación teñida de ironía por los franciscanos de la escuela salmantina, venidos al Nuevo Mundo a plantar una fe liberada de sus supersticiones” – LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México: Siglo XXI Editores, oitava edição, 1991, p. 144. Contudo, juntamente com as indicações de Weckmann, demonstrei (ver nota número 5) que muitos religiosos não compactuavam com as opiniões dos franciscanos seguidores de Zumárraga (1468-1548).

\*\*\*

### Fontes

- AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 161-206.
- CORTÉS, Hernán. *A Conquista do México*. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1986.
- DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México D. F.: Editorial Porrúa, 1976.
- LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias. La Conquista de Méjico (Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954.
- TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Fierme del Mar Océano*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 67-123.
- VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios del conquistador Bernardino Vázquez de Tapia, vecino y regidor de esta gran ciudad de Tenuxtitlán México*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 131-154.

### Bibliografia

- BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.
- BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CHAUNU, Pierre. *Conquista e Exploração dos Novos Mundos (séc. XVI)*. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1984.
- COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, 2 Vols.
- DOMINGUES, Beatriz Helena. “O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: n° 20, 1997, p. 01-26.
- DOMÍNGUEZ GARCÍA, Javier. “Santiago mataíndios: la continuación de un discurso medieval en la Nueva España”. In: *Nueva Revista de Filología Hispánica*. México, D. F.: El Colegio de México, Vol. 54, n° 01, 2006, p. 33-56.

- FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”. In: *Revista de Filología Románica*. Madrid: Editorial Complutense, nº 10, 1993, p. 11-30.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- GRUNBERG, Bernard. “El universo de los conquistadores: resultado de una investigación prosopográfica”. In: *Signos Históricas*. Iztapalapa, México, D. F.: Universidad Autónoma Metropolitana, nº 12, 2004, p. 94-118.
- LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México: Siglo XXI Editores, oitava edição, 1991.
- LE GOFF, Jacques. “Maravilhoso”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006, p. 105-120.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA, Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961.
- MAHN-LOT, Marianne. *A Conquista da América Espanhola*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MOLLAT, Michel. *Los exploradores del siglo XIII al XVI*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- NOGUEIRA, Pablo. “L'influence de saint Jacques ou gey teule – le grand dieu – aux Indes occidentales (XVe-XVIe siècles)”. In: *SaintJacquesInfo* [En ligne], *Le saint politique, Saint Jacques un et multiple, mis à jour le*, 2008.
- RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*. São Paulo: UNESP, Tese de doutorado, 2003.
- RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, 3 Vols.
- THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Patria, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- TUCHMAN, Bárbara W. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *Introducción General*. In: *La Conquista de Tenochtitlan / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 07-24.
- VIANNA, Luciano José. “O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: A conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador”. In: *XII Encontro Regional de História - Anpub - Usos do passado*. Gragoatá – Niterói, RJ, 2006, p. 01-07.
- WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994.
- ZAVALA, Silvio. *La filosofía de la conquista*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Colección Tierra Firme, 1972.